

DE IÚLIO AOS IULII: AS *GENTES* ROMANAS E ITÁLICAS EM BUSCA DO PASSADO HEROICO*

Ana Teresa Marques Gonçalves**

Thiago Eustáquio Araújo Mota***

Resumo:

*Neste trabalho temos a intenção de mapear historicamente a formação da genealogia heroico-divina dos Iulii (família de Júlio César e do imperador Otávio Augusto) e suas múltiplas e contextuais apropriações pelos atores históricos para então compreender sua acomodação à arquitetura do épico de Virgílio, a **Eneida**. Repensar as origens da gens e buscar uma vinculação com o passado heroico foi uma solução plausível para novos ramos que apareceram no cenário político ostentando antigos nomes gentílicos, e uma maneira de transformar esse elo ancestral em um distinto predicado digno de ser lembrado em escritos de toda sorte, monumentos e moedas.*

Palavras-chave: Genealogia heroica; gens Iulia; Roma republicana; **Eneida**.

FROM IULIUS TO IULII: THE ROMAN AND ITALIC GENTES IN PURSUIT OF THE HEROIC PAST

Abstract: *In this paper we intend to track the fabrication of Iulii's heroic genealogy (family of Julius Caesar and Octavian Augustus) and its multiple and contextual appropriations by historical actors to then understand its accommodation to the Virgil's epic architecture, the **Aeneid**. Rethink the origins of the gens and to seek a connection with the heroic past was a*

* Recebido em: 25/09/2015 e aceito em: 10/11/2015.

** Professora associada III de História Antiga e Medieval na UFG. Doutora em História pela USP. Bolsista Produtividade II do CNPq. Coordenadora do Leir-GO.

*** Professor adjunto de História Antiga na UPE. Doutor em História pela UFG. Coordenador do Grupo de Estudos sobre Épico e Teatro na Antiguidade (UPE) e membro do Leir-GO.

plausible solution for new branches that have appeared on the political scene boasting ancient gentile names and a way to turn this ancestral link into a distinct predicate, worthy to be remembered in the writings of all sorts, monuments and coins.

Keywords: *heroic Genealogy; gens Iulia; Republican Rome; Aeneid.*

Desde o período republicano, a persistente rivalidade nos círculos aristocráticos de Roma motivou os *nobiles* a apresentarem genealogias familiares cada vez mais longitudinais e profundas, até o ponto de os filhos de Hércules – Evandro, Odisseu, Eneias – e outras figuras do ciclo épico troiano aparecerem na posição de ancestrais privilegiados de algumas *gentes* romanas. Esse fundador heroico tanto conferia elevado prestígio aos descendentes quanto preenchia as lacunas de uma linhagem sem ancestrais ilustres próximos nem muitos Consulados para ostentar. Repensar as origens da *gens* e buscar uma vinculação com o passado heroico foi uma solução plausível para novos ramos que apareciam no cenário político ostentando antigos nomes gentílicos.

No sentido de relato etimológico ou elucidativo das origens e desdobramentos de uma linhagem familiar, a palavra genealogia encontra sua ancoragem no vocábulo latino *gens*. Por sua vez, na terminologia republicana a palavra *gens* refere-se a um grupo familiar extenso que compartilha o mesmo *nomem*, ou acredita ligar-se por parentesco a um ancestral comum (OXFORD LATIN DICTIONARY, 1968, p. 759).

De um modo geral, a genealogia familiar apresenta um encadeamento geracional, uma vez que os membros de uma geração pretendem-se continuadores naturais de seus ancestrais, sejam estes próximos ou distantes. Jôel Candau, no livro **Memória e Identidade**, chama a atenção para o dispositivo prosopopeico agregado a esse procedimento com a transformação dos ancestrais em personagens-modelos nos quais são mascarados os vícios e enaltecidas as qualidades para convertê-los em *exempla* emuláveis para os vivos (CANDAU, 2011, p. 143). Como o esquecimento é uma ameaça permanente que se renova contra as gerações, a genealogia é caracterizada por um esforço constante de fixação em registros, árvores, brasões e narrativas de toda espécie. No entanto, durante a reconstrução da filiação, encontra-se a possibilidade de embelezá-la ou enobrecê-la preenchendo os vazios necessários. Ressalta esse antropólogo francês que a emulação dos antepassados em algumas sociedades pode manifesta-se, inclusive, com tentativas de panteonização dos ancestrais (CANDAU, 2011, p. 143).

Cabe lembrar que, em Roma, o poder, a tradição e a ancestralidade – mesmo que submetidas a reinterpretações e reelaborações constantes – deveriam ser visualizados; por sua vez, um homem desprovido de ancestrais carecia da iluminação que os mesmos podiam instituir.¹ As *imagines* dos antepassados, por exemplo, eram parte vital do espetáculo de um funeral ou da rotina de uma casa – *domus* –, de acordo com Harriet Flower no livro **Ancestor Masks and Aristocratic Power in Roman Culture**, tinham a função-chave de notabilizar as façanhas de uma família e mantê-las presentes aos olhos dos cidadãos ordinários e dos demais aristocratas (FLOWER, 2001, p. 63). Não se trata categoricamente de uma busca identitária para fins de coesão interna, mas de uma externalização dessa ancestralidade em cerimoniais e monumentos de visibilidade pública.

Neste artigo temos a intenção de mapear historicamente a formação da genealogia heroico-divina dos *Iulii* e suas múltiplas e contextuais apropriações pelos atores históricos, para então compreender sua acomodação à arquitetura do épico de Virgílio. Cumpre recuar ao período republicano para encararmos os meandros implicados nessa formação: nesse momento a *gens Iulia* em nada difere das outras *gentes* ou guarda qualquer semelhança com a *domus* de Augusto no tempo do Principado. Com a vinculação dos *Caesares* aos *Iulii*, o nome gentílico passou a ser derivado de Iúlo – *Iulus* – como ficou conhecido o primogênito de Eneias, Ascânio, fundador/rei de Alba Longa. Como demonstraremos adiante, outras casas de ascendência troiana e itálica são igualmente recordadas na **Eneida**, algumas destas vinculadas ao *Princeps* por laços de parentesco.

Mais que um garoto impotente que foge a reboque do *pius* Eneias, o valor marcial do jovem Ascânio e sua posição como fundador de Alba Longa são exaltados na *Eneida* de Virgílio. Nos jogos celebrados por ocasião do aniversário da morte de Anquises (Livro V), Iúlo comanda uma equipe de jovens cavaleiros que simulam manobras de guerra na frente dos chefes troianos e da população de Segesta – cidade fundada pelo troiano Acestes na Sicília. Durante a defesa do acampamento troiano, o impressionante desempenho de Iúlo com o arco chama a atenção do próprio Febo, que, ao invés de sentir-se enciumado, eleva elogios ao rapaz. Cabe lembrar que Apolo é o deus que preside a peleja no Ácio e marcha ao lado de Otávio e dos pátrios batalhões. Iúlo, a quem se deve o nome da *gens Iulia*, é chamado por Apolo de “filho e futuro pai dos deuses” – *dis genite et geniture deos* (VIRGÍLIO. **Eneida** IX, v. 642).

Na narrativa virgiliana, a figura de Ascânio-Iúlo está associada, muitas vezes, a portentos e reviravoltas aos caprichos do *fatum*, como é possível perceber no relato da queda de Troia, que ocupa toda a extensão do Livro II. Quando, na casa de Eneias, todos pareciam quebrantados pelo desânimo, um súbito prodígio – *subitum monstrum* – reativa e encoraja o empreendimento da fuga (VIRGÍLIO. **Eneida** II, v. 680). Uma chama inextinguível aparece sobre a cabeça de Ascânio, fato que pelas suas características insólitas compele Anquises a solicitar uma confirmação de Júpiter. Essa capacidade profética do ancião – nem sempre bem-sucedida na trama virgiliana – é um dado que encontra respaldo na tradição homérica, assim como no épico latino, compreendida como uma dádiva oriunda do intercurso sexual com Vênus (ÊNIO. **Anais**, fr. 15; NÉVIO. **Guerra Púnica**, fr. 08). A confirmação do fenômeno vem na forma de um astro – *sanctum sidus* – que orienta o percurso de Eneias até o monte Ida, último refúgio antes da longa peregrinação pelo mar até o litoral da península Itálica.

Antes que uma narrativa coerente, meticulosamente elaborada para fins propagandísticos da *gens*, essa herança heroica parece ter sofrido reformulações ao sabor das circunstâncias históricas e dos sujeitos implicados. Apesar de algumas escolhas claras de Virgílio sobre qual tradição seguir, a própria **Eneida** não acomoda algumas ambiguidades geradas nesse processo de tessitura genealógica. Uma parte da profecia de Júpiter diz respeito ao futuro reservado para Iúlo, fundador de Alba Longa:

*[At puer Ascanius, cui nunc cognomen Iulo
additur;—Ilus erat, dum res stetit Ilia regno,—
triginta magnos volvendis mensibus orbis
imperio explebit, regnumque ab sede Lavini
transferet, et longam multa vi muniet Albam.
Hic iam ter centum totos regnabitur annos
gente sub Hectorea, donec regina sacerdos,
Marte gravis, geminam partu dabit Ilia prolem]*
(VIRGÍLIO. **Eneida** I, vv. 267-274).

*[Mas o menino Ascânio, a quem de Iúlo
dão hoje o sobrenome (Ilo o diziam
enquanto Ílio existiu e foi potência)
trinta encherá anos com o seu reinado,
e, de Lavínio transferindo a corte*

*fundará de Alba Longa a fortaleza.
Aqui trezentos anos há de o império
conservar-se na Hectórea dinastia:
até que a sacerdotisa Ilia princesa,
prenhe de Marte, dê à luz dois gêmeos.]*

Essas passagens selecionadas provocam o efeito de uma aproximação temporal entre o ancestral Iúlo e o descendente – Otávio – os quais, através de Júlio César, encontram-se vinculados a uma mesma origem. Iúlo e Ilia, como é chamada a sacerdotisa Reia Sílvia, mãe dos gêmeos Rômulo e Remo, são figuras que se complementam na sequência, vinculando Troia/Ílion a Roma. Todavia, apesar de assinalar a importância de Iúlo na transposição do reino troiano para Alba, o poeta não deixa evidente se o próprio daria continuidade à linhagem de Eneias, apenas ressaltando que na nova cidade reinaria a gente de Heitor. Da mesma forma, na passagem do Livro VI em que a sombra de Anquises nomeia a Eneias alguns frutos de sua linhagem e outros tantos varões de Roma, de imediato se detém em Sílvia e acrescenta:

*[Silivius, Albanum nomen, tua postuma proles,
quem tibi longaeuo serum Lauinia coniunx
educet siluis regem regumque parentem,
unde genus Longa nostrum dominabitur Alba]*
(VIRGÍLIO. **Eneida**, VI. 763-766)

*[De ítalo sangue, Sílvia, nome albano
Tua póstuma prole, que nas selvas
Te criará, já d'anos carregado,
Tua esposa Lavínia; rei tardio,
De reis progenitor; por quem um dia
Reinará nosso sangue em Alba longa]*

A existência de Sílvia dá concretude à aliança que se estabelece entre Eneias e Latino, e conseqüentemente confirma o vaticínio de Júpiter segundo o qual os romanos nasceriam da fusão entre dois povos: troianos e latinos. Por outro lado, esse trecho suscita um questionamento: qual delas prevaleceu em Alba, afinal: a linhagem de Iúlo ou de Sílvia? Se, como vimos, Ascânio-Iúlo é aclamado “filho e futuro pai de deuses” – *dis genite et geniture deos* – por Apolo, qual o destino de sua descendência? Ao apenas mencionar que Sílvia foi gerado por Lavínia na floresta, Virgílio parece ter

escolhido omitir o desenvolvimento mais sombrio da história e a possível tensão entre os meios-irmãos, mencionada por outros autores contemporâneos como Dionísio de Halicarnasso e Tito Lívio (DIONÍSIO DE HALICARNASSO. **Antiguidades Romanas** I. 70; TITO LÍVIO. **História Romana** I. 3). O poeta não conseguiu acomodar (ou preferiu manter) as ambiguidades que são evidentes na tessitura da genealogia familiar dos *Iulii*.

Inicialmente, as fontes não registram qualquer tipo de vinculação dos primeiros *Iulii* da República, seja com Ascânio-Iúlo, com Vênus e muito menos com Eneias, não obstante a divulgação dos ciclos homéricos na península Itálica. Desde o séc. V a.C., a relevância e a articulação política dessa *gens* são demonstradas no acesso às mais altas magistraturas da *res publica*, como o Consulado e o Tribunato (que, por um tempo, substituiu o último).

O testemunho literário mais antigo no qual os *Iulii* e os troianos são mencionados em conjunto é a obra intitulada **Origens – Origines** – de Catão, datada do início do século II a.C. – que conhecemos de forma fragmentária, em grande parte através de citações do comentador Sêrvio Honorato e da **Origo Gentes Romanae**, esta última uma compilação historiográfica tardo-antiga de autoria incerta. Segundo Catão, o primeiro Ascânio-Iúlo (primogênito de Eneias com Creusa) teria morrido sem deixar herdeiros – *sineliberisperiit* –, legando seu reino para o meio-irmão Sílvio (filho de Eneias e Lavínia). Ao herdar o trono, imediatamente Sílvio passou a adotar o nome do irmão (CATÃO. **Origens**, fr. 08). Essa vertente do relato genealógico, registrada nas **Origens**, surge da necessidade de enraizar os costumes troianos numa matriz cultural indígena, todavia, choca-se diretamente com a pretensão dos *Iulii* de se vincularem ao troiano Ascânio/Iulo, primogênito de Eneias. Em outro fragmento, proveniente das **Origo Gentis Romanae**, as autoridades de César e Catão são mencionadas em conjunto a respeito da especulação etimológica sobre o nome Iúlo:

Igitur Latini Ascanium ob insignem uirtutem non solum Iove ortum crediderunt, sed etiam per diminutionem declinator paululum nomine primo Iolum, dein postea Iulum appellarunt; a quo Iulia familia manavit, ut scribunt Caesar libro secundo et Cato in originibus. (CATÃO. **Origens**, fr. 11; **Origo Gentis Romanae** XV. 05)

Assim, os latinos não apenas acreditaram no relato de sua insigne coragem e que Ascânio era descendente de Júpiter, mas alterando

o nome para formar com ele um diminutivo, chamaram-no primeiro Ioulus e depois disso de Iúlo. É dele que descende a família Iulia, como César escreve em seu segundo livro e Catão em suas Origens.

Podemos perceber aqui o indício de outra vertente que associa Iúlo à prole de Júpiter e que tem reverberações na literatura posterior, assim como nas jactâncias dessa *gens*. Não queremos sugerir que Catão foi o responsável por consolidar histórica ou etimologicamente esse vínculo, muito menos que o tivesse feito a favor dos *Iulii*, com quem, até onde sabemos, não mantinha qualquer tipo de aproximação ou aliança política. De acordo com T.J. Cornell em seu comentário sobre as **Origens**, “endossar as pretensões ancestrais de um clã patricio é naturalmente a última coisa que Catão teria feito; todavia negá-las declarando que Iúlo teria morrido sem descendentes poderia ter lhe proporcionado alguma satisfação” (CORNELL, 2013, p.71-72). No máximo, o que esses fragmentos nos permitem inferir é que essa pretensão genealógica dos *Iulii* já circulava nos meios aristocráticos no momento em que as **Origens** foram escritas.

Para além desse reticente *termus ante quem* oferecido por Catão, a herança heroico-divina dos *Iulii* aparece com maior nitidez nas fontes do final do século II a.C., o que mais ou menos coincide com a aparição do referido cognome *Caesar* nos componentes masculinos da família. Na opinião de Ernest Badian, a ausência de Consulados recentes para ostentar pode ter entrado em conflito com a ambição dos jovens membros da *gens*, sôfregos para embarcar em suas carreiras políticas – o que, por outro lado, pode ter motivado a busca ou a retomada das origens míticas (BADIAN, 2009, p. 14). Esse grupo se integra de tal forma aos *Iulii*, que o cognome permanece vinculado a *gens* até o tempo de Otávio, e para além se estende aos sucessores do cargo imperial.

Tal genealogia heroica é encontrada, inclusive, nas moedas republicanas. A emissão de Sexto Júlio César (**RRC**, 258. **Fig. 01**) coincide com o recrudescimento dos tipos privados e familiares na cunhagem² do denário. A moeda traz no anverso a efígie de Roma com elmo e, no reverso, o motivo iconográfico de Vênus guiando uma biga e sendo coroada por Cupido. Mais uma vez, no final do segundo século, o tipo é retomado com algumas modificações na emissão atribuída a Lúcio Júlio César (103 a.C.), cônsul em 90 a.C. A moeda cunhada em 103 a.C. traz no anverso a cabeça de Marte e no reverso a figura da ancestral divina – Vênus – em uma biga, puxada por dois Cupidos (**RRC**, 320. **Fig.02**).

Figura 01



Figura 02



Outro Lúcio Júlio César, filho do cônsul de mesmo nome, mencionado acima, manteve uma longa relação com Ílion, na Ásia Menor, ao longo do seu *cursus honorum*. Durante a Questura em 77 a.C., oferece assistência aos habitantes de Ílion para superar a crise financeira resultante da Primeira Guerra Mitridática e, alguns anos mais tarde, como censor, beneficia a cidade com o mesmo status de isenção fiscal de Atenas. Sérvio, comentarista da **Eneida**, atribui a um certo Lúcio César³ – sem precisar qual deles, mas deste período em questão – uma explicação etimológica para o nome Iúlo, derivada do interesse do autor na genealogia familiar. O fragmento traz duas possibilidades de explicação para *Iulus*: a primeira derivando de “ioboulos” – que significa “habilidoso com o arco”; a segunda derivando de “ioulos” – o primeiro fio de barba que cresceu quando derrotou seu rival Mezêncio (SÉRVIO. **Comentário a Eneida** 1,267).

Tomando apenas os *Iulii* como exemplo, percebemos que essas genealogias heroicas são qualquer coisa, menos óbvias e facilmente tratáveis. Como bem lembra John Cristopher Smith em seu texto **Caesar and the History of Early Rome**, desde que os *Iulii Caesares* sentiram necessidade de apresentar uma genealogia divino-heroica, fizeram-no por dois cami-

nhos: um através de Júpiter, por meio de Vediovis, e outro através de Vênus (SMITH, 2010, p. 253). Um altar em Bovillae, cuja inscrição é datada de 100 a.C., reforça a conexão dessa *gens* com o universo de Alba Longa, e essa divindade identificada ao culto de Júpiter.⁴ Representado com feições joviais, sustentando um feixe de flechas em uma mão e carregando um *pilum* na outra, a divindade é também associada a Apolo. Ainda de acordo com Smith, nesse contexto a dedicação do templo de Apolo por Caio Júlio Mento, cônsul em 431 a.C., recordado na **História Romana** de Tito Lívio, pode ser um dado relevante e um fermento para novas ideias e conexões (SMITH, 2010, p.252; TITO LÍVIO. **História Romana** IV. 26,27). Dessa maneira, a proximidade entre Iúlo e Apolo na **Eneida** e o reconhecimento do jovem troiano como exímio arqueiro não podem ser um dado puramente aleatório no texto virgiliano – talvez um esforço de conciliação entre essas duas vertentes da genealogia familiar.

Não apenas os *Iulii Caesares*, mas outras *gentes* reivindicaram uma ligação com o passado troiano e albano. O tema era tão recorrente que Varro escreveu um trabalho sobre as famílias de linhagem troiana, intitulado **De familiis Troianis**, do qual temos notícia através do comentador Sêrvio Donato (SÉRVIO. **Comentário a Eneida** I, 267). Por sua vez, Tito Lívio na **História Romana** oferece uma relação das famílias de procedência troiana/albana – *Iulii*, *Serulii*, *Quintii*, *Curiazii* e *Cloelii* – que se mudaram para Roma com a destruição de Alba no reinado de Túlio Hostílio. Essa cidade (assim como Lavínio) simbolizava um poder primevo para os romanos e pode ter ajudado a prover uma solução para as lacunas cronológicas do passado pré-fundacional.

Também na **Eneida**, algumas casas aristocráticas e suas origens são recordadas nas competições atléticas promovidas em honra de Anquises, assim como na descrição dos líderes itálicos que comparecem em auxílio de Turno durante as guerras travadas no Lácio (VIRGÍLIO. **Eneida** V, vv. 104-602; VII, vv. 641-817). Certamente, essas competições narradas no Livro V da **Eneida** foram inspiradas no motivo homérico dos jogos organizados durante os funerais de Pátroclo, porém com especificidades culturais romanas como, por exemplo, a celebração do aniversário de morte e a etiologia para jogos ainda existentes no tempo do poeta, chamados de *luditroiani*. Virgílio elogia a destreza dos heróis epônimos e pretensos fundadores das *gentes Memmia*, *Sergia* e *Cluentia*, especificamente na liderança e manobra dos barcos durante a competição da regata:

*[uelocem Mnestheus agit acri remige Pristim,
 mox Italus Mnestheus, genus a quo nomine Memmi,
 ingentemque Gyas ingenti mole Chimaeram,
 urbis opus, triplici pubes quam Dardana uersu
 impellunt, terno consurgunt ordine remi;
 Sergestusque, domus tenet a quo Sergia nomen,
 Centauro inuehitur magna, Scyllaque Cloanthus
 caerulea, genus unde tibi, Romane Cluenti]*
 (VIRGÍLIO. **Eneida** V, vv. 116-123)

*[Mnesteu move a veloz Prístis
 com válidos remeiros;
 ao depois Ítalo Mnesteu a quem deve
 A família dos Mêmios o nome;
 Gias a grã Quimera, imensa mole,
 Obra de uma cidade: dão-lhe impulso
 Em três fileiras Dárdanos mancebos,
 E em três ordens os remos se levantam;
 Sergesto, de quem traz sua origem
 A Sérgia casa, vai na grã Centauro,
 E na cerúlea Cila vai Cloanto,
 Que da tua prosápia esclarecida
 Foi, Romano Cluento, o primeiro autor]*

Pristis, Quimera, Centauro, Cila, são possivelmente o nome dos barcos nos quais essas criaturas mitológicas estavam pintadas sobre as proas. Ignoramos a verdadeira razão da escolha de Virgílio por tais personagens – talvez, a alusão a genealogias já conhecidas no meio nobiliárquico de seu tempo. Com exceção da *gens Sergia*, sabemos que se tratava de famílias cuja ascensão política está vinculada ao contexto das guerras do final da República. De origem plebeia, o primeiro indivíduo da *gens Memmia* a conseguir proeminência foi Caio Memmio Quirino, edil em 216 a.C. e também o primeiro a celebrar a *Cerealia* em Roma; na sequência, Caio Memmio, que foi eleito pretor em 173 a.C. (LÍVIO. **História Romana** XIII, 09.10.24; SMITH, 1850, p. 1026). Por sua vez, das Guerras Jugurtinas (112-016 a.C.) até o Principado, os *Memmi* elegeram uma série de tribunos da plebe e cônsules. De origem osca, os *Cluentii* aparecem no cenário público somente a partir da Guerra Social, na qual Lúcio Cluêntio foi comandante das legiões

de Pompeu (APIANO. **Guerras Civis**l. 50.; SMITH, 1850, p. 806). Os *Sergii*, ao contrário, figuram entre as famílias patricias mais antigas da República – o primeiro Consulado data de 437 a.C., obtido por Lúcio Sérgio Fidenas – porém entram em uma espécie de hiato político a partir do IV a.C. e adquirem uma mácula irreversível com Lúcio Sérgio Catilina – cuja conspiração denunciada no Senado por Cícero, motivou a composição das **Catilinárias** e foi narrada também por Salústio. Forma-se um nítido contraste entre o ancestral Sergesto, bravo comandante e vencedor na competição da regata, e o infame descendente que o poeta coloca suspenso em um rochedo do Tártaro, quadro que Vulcano acrescenta ao escudo de Eneias (VIRGÍLIO. **Eneida** VIII, vv. 666-669).

Os *Atii* recebem um lugar de destaque nas competições atléticas mencionadas na **Eneida**. Como referimos acima, o poeta deriva sua origem de Atys, o dileto companheiro de Iúlio nos *luditroiani*. Esta *gens* não aparece entre as mais antigas da República, e nenhum de seus membros alcançou o Consulado. O primeiro indivíduo a conseguir alguma proeminência parece ter sido Lúcio Ácio como tribuno militar em 178 a.C.; posteriormente Marcos Ácio Balbo, avô de Otávio Augusto, que foi pretor em 62 a.C. Não por acaso essa genealogia dos *Atii* foi posteriormente enobrecida com a inclusão de um Atys Silvius na lista de reis albanos, mencionado tanto por Lívio quanto por Ovídio nos **Fastii**. Gary D. Farney, no livro **Ethnic Identity in Roman politics**, considera que algumas dessas intervenções na lista dos reis albanos podem ser explicadas a partir das ligações familiares e políticas de César e Otávio Augusto (FARNEY, 2007, p. 60). Assim, a presença de certo Agripa Sílvio entre esses monarcas albanos por ter fornecido um pedigree para seu braço direito, Marcos Agripa, e também para seus netos (LÍVIO. **História Romana** I. 38.03; OVÍDIO. **Fasti** IV. 49).

Ao nomear os líderes itálicos que comparecem ao auxílio de Turno, Virgílio alude à figura do ancestral heroico que deu origem aos *Claudii*: o guerreiro Clauso, proveniente da Sabina (VIRGÍLIO. **Eneida** VII, vv. 708). Tal alusão à genealogia heroica dos *Claudii* pode não ser aleatória, uma vez que este grupo mantinha relações políticas e alianças matrimoniais com a *domus* de Augusto. Cabe lembrar que Lúvia Drusila (38 a.C.—14 d.C.), segunda mulher de Augusto, era filha de Marco Lívio Druso Claudiano, distinto membro dessa *gens*. A ligação de Otávio com os *Claudii* se dá também através do matrimônio de sua irmã Otávia com Caio Cláudio Marcelo, cônsul em 50 a.C.

Assim como nas emissões dos *Iulii Caesares* referenciadas acima, alguns tipos monetários são identificados como alusivos a essas genealogias divino-

-heroicas. De acordo com Michael H. Crawford no livro **Roman Republican Coinage**, durante a Segunda Guerra Púnica as cunhagens romanas passaram por um processo de elaboração estética, principalmente com a instituição do denário, cujo reverso tornou-se *media* de uma amplitude de temas de natureza religiosa, histórica e política (CRAWFORD, 2008, p. 712-744). Com o passar do tempo, a cunhagem romana cada vez mais refletia as preocupações dos grupos oligárquicos na República, e algumas casas procuraram divulgar nas emissões monetárias a efigie do ancestral fundador, divindade tutelar ou culto familiar, ostentados como uma marca de distinção.

Como uma possível alusão ao motivo troiano, o monetário Lúcio Memmio Gal (Galerio?) imprime a figura Vênus em uma das emissões de denário de 106 a.C. O denário de tipo serrado traz no anverso a efigie de Saturno com a legenda ROMA (abaixo) e uma harpa; no reverso, o motivo iconográfico de Vênus em uma biga, segurando um cetro na mão esquerda e as rédeas na mão direita; acima da deusa aparece um cupido portando uma coroa e a legenda L·MEMMI GAL gravada no canto inferior (RRC, 313). O tipo é recuperado na emissão dos filhos desse mesmo monetário, Lúcio Memmio Gal e Caio Memmio Gal de 87 a.C.: o tipo é similar, inclusive pela distribuição das figuras, exceto pela legenda EX·S[ENATO]·C[ONSULTO] (indicando que a moeda foi cunhada por decreto do Senado) no anverso e pela legenda L·C·MEMMIES·L·F – Lúcio Memmio e Caio Memmio, filhos de Lúcio – no reverso (RRC, 349. **Fig. 03**). Segundo Crawford, os monetários não são conhecidos em outro documento, e seus filhos aparentemente pertencem ao braço menos importante dos *Memmii*, usando sua tribo – Gal [eria] – para distingui-los do tronco mais antigo (CRAWFORD, 1974, p. 320-3211).

Figura 03



Referências a Ulisses parecem uma constante nas cunhagens dos *Mammili*, provenientes de Tusculo e incorporados aos quadros de cidadãos

romanos desde o V a.C. Essa integração é descrita por Lívio como uma recompensa pelo apoio militar de Lúcio Mamílio, ditador de Tusculum, que, em 460 a.C., ajudou os romanos a repelir uma invasão samnita do Capitólio. De acordo com Farney, podemos traçar as tradições familiares dos *Mamilii*, de sua poderosa origem municipal até sua ascensão ao poder em Roma (FARNEY, 2007, p. 61). No entanto, os dois ramos mais prósperos da *gens*, os *Vitúlie* os *Turini*, entraram em uma espécie de ostracismo público depois do II a.C., momento que acompanhou o aparecimento de outro *cognomen* – *Limetanus* - e das cunhagens. Um denário datado de 189 a.C., cunhado em Roma, traz no anverso a cabeça laureada de Jano e no reverso Ulisses carregando um cajado na mão esquerda; a legenda ROMA é gravada na lateral direita, assim como a legenda L. MAMIII é gravada abaixo da proa (RRC, 149). O moedeiro⁵ em questão, todavia, não é conhecido em outra fonte além dessa moeda. O tipo remete à genealogia familiar, visto que os *Mamilii* atribuem a origem de seu *nomem* à Mamilia, filha de Telêgono, fundador heroico de Tusculum, por sua vez, filho de Ulisses e Circe (OVÍDIO. *Fasti* III. 92; *Metamorfoeses* XIII.146). O herói homérico volta a figurar em um denário serrado – *denarius serratus* – datado de 82 a.C., cunhado em Roma e atribuído a Caio Mamílio Limetano, filho do tribuno da plebe de 109 a.C. A moeda traz no anverso a efigie de Mercúrio e no reverso o tipo de Ulisses, apoiado em um cajado – mão esquerda – e sendo festejado por seu cão Argos (RRC, 362/1.Fig. 04).

Figura 04



Hércules, por sua vez, figura no denário de Caio Antio Restio, emitido em 47 a.C. A moeda traz no anverso a efigie do tribuno da plebe de 68 a.C. – o que não é de se estranhar, uma vez que o rosto de César já havia antes aparecido nas moedas –, ancestral do monetário em questão; no reverso

Hércules aparece caminhando com a pele de leão, segurando uma massa na mão direita e um troféu na mão esquerda; abaixo, no canto esquerdo, a legenda C·ANTIVS·C·F, que se traduz por Caius Antius, filho de Caius (RRC, 455. **Fig.05**). O reverso faz alusão à reivindicação da família de des-cender de Antíades, filho de Hércules (APOLODORO. **Biblioteca II**, 7,8).

Figura 05



De qualquer maneira, isso não era exclusividade dos *Antii*, pois o Triúviro Marco Antônio, por exemplo, declarava possuir o sangue de Hércules através de outro filho do herói com o nome similar de Antónos – ΑΝΤΩΝΟΣ. Segundo Plutarco, além dos traços fisionômicos – uma hirsuta barba, ampla frente e um nariz aquilino – que o aproximavam do pretense ancestral heroico, ao apresentar-se em público Antônio costumava trazer a túnica cingida à cintura, uma grande espada presa ao flanco e um manto áspero sobre o ombro (PLUTARCO. **Vida de Antônio** 4.2; 36.7). Se essas feições hercúleas foram utilizadas por Otávio numa campanha de difamação contra o rival, principalmente a desmesura com a bebida, a aparência e o próprio jeito de se portar à mesa rendiam-no enorme popularidade com os soldados. Os membros da *gens Fabia*, por um lado, proclamavam-se descendentes de Hércules e de Evandro; por outro, herói árcaico fundador de Palanteum (OVÍDIO. **Fasti II**. 237).

Em geral essas genealogias são confusas, propriamente um amálgama de estratos resultante de reformulações diversas, suscitadas pelas mais complexas circunstâncias históricas. De acordo com Christopher Smith, no livro **Roman Clan: the Gens from Ancient Ideology to Modern Anthropology**, o grau efetivo de parentesco daqueles que compartilhavam um *nomen* pode ser menos significativo do que o sentimento de pertencerem a uma origem gentílica comum, e esse sentimento podia flutuar com certa rapidez (SMITH, 2006, p. 41). Uma vez que os interesses mudam e novos

ramos aparecem ostentando o *nomen* gentílico, pode surgir a ocasião para repensar esse vínculo com o *princeps gentis*. A propósito dos *Aemilii*, é possível detectar quatro narrativas genealógicas distintas: em uma delas, a *gens* atribui sua origem a Mamerco, que mudou seu nome para Emílio, sendo representado como um dos filhos do rei Numa Pompílio e algumas vezes como filho de Pitágoras. As outras três variantes remetem, de alguma forma, ao ciclo troiano e, por consequência, à realeza albana: respectivamente, o nome da *gens* é derivado tanto de Aemylos, um suposto filho de Ascânio; ou de Amúlius, rival de Númitor; ou de Aemília, mãe de Rômulo e filha de Eneias e Lavínia. A competição é um fator a se considerar nessa engenharia genealógica, pois, uma vez que outras famílias reivindicavam uma ancestralidade troiana e albana, os *Aemilii*, provavelmente, não quise-ram ter seu *princeps gentis* diminuído em importância.

Garry Farney, no livro intitulado **Ethnic Identity and Aristocratic Competition**, focou esse esforço de autopromoção das famílias em Roma a partir dessas genealogias. Farney busca compreender como a identidade local de algumas famílias aristocráticas interage dentro da política cultural e social da República romana (FARNEY, 2007, p. 01-26). Uma vez que inexistem partidos políticos – no sentido moderno –, o caráter, a reputação e origem familiar eram ferramentas manejadas pelos indivíduos para celebrar seu papel na ordem senatorial e pleitearem as magistraturas. Por mais helenizadas que possam parecer, essas genealogias familiares – associadas ao ciclo de retorno dos heróis homéricos ou às peregrinações de Hércules – não deixavam de reforçar o vínculo com a tradição local, seja ela latina ou itálica. Basicamente, transformava-se a história familiar em boas e distintas qualidades, uma mensagem forte que facilmente poderia ser direcionada para o terreno da competição política.

Desde os anos iniciais do seu *cursus honorum*, Caio Júlio César buscou suporte nas pretensas origens heroicas de sua *gens*. Durante a ditadura de Sila, o jovem César foi compelido a fugir de Roma, uma vez que recusou a se divorciar da primeira mulher, Cornélia Cina, filha de um dos principais opositores políticos do ditador. Seu pai pertencia ao *ranking* senatorial e era partidário de Caio Mário, com quem casou sua irmã Júlia. Com a morte de Sila (78 a.C.), César regressou a Roma, mostrando-se também um habilidoso orador nas causas que defendeu no Fórum romano. Como Questor, pronunciou o elogio fúnebre a sua tia Júlia enfatizando que ela descendia dos reis por parte da mãe e, por parte do pai, ligava-se aos imortais (SUETÔNIO. **Vida de Júlio César** 06.01).

Salvo pelo episódio isolado da oração fúnebre à tia, o investimento na herança troiana ou na tutela especial de Vênus aparece mais claramente como estratégia de autopromoção apenas a partir da Guerra Civil. O motivo troiano não é documentado nas emissões de César antes da vitória sobre Pompeu Magno em 48 a.C. Basta mencionarmos a clássica cunhagem de 47-46 a.C.: o denário, cunhado na África, traz no reverso a cena de Eneias em fuga, com Anquises nos ombros e firmando o *Paladium*⁶ em uma das mãos. Gravada na vertical, a inscrição CAESAR flanqueia a figura do herói troiano. Por sua vez, o anverso é preenchido com a efigie de Vênus, coroada com um diadema cujas pontas tocam o ombro da deusa (RRC, 458. Fig. 06). O que nesse momento pode ter motivado a escolha do tipo? Para esse questionamento não temos uma resposta categórica; por outro lado, podemos inferir que a conhecida devoção de Sila e de Pompeu, seu genro, a Vênus *Victrix* pode ter inibido César de se vincular de forma mais ostensiva à deusa.

Figura 06



Pompeu e César competiram pelo apoio de Vênus durante as Guerras Civis, especialmente depois da batalha de Farsalos. Ambos, de acordo com os biógrafos, tiveram sonhos proféticos com a deusa antes da batalha. Como escreveu Plutarco a respeito das expectativas às vésperas do choque com as tropas cesarianas, “ele temia que a estirpe de César, que remontava a Vênus, estivesse por receber a glória e o esplendor através dele” (PLUTARCO. **Vida de Pompeu LXVIII**, 02). Apenas a Guerra Civil tinha eclodido, César discursou às tropas reunidas em Placência, comentando a respeito de sua progênie que vinha de Eneias e Íúlio (DION CASSIO. **História Romana XLI**. 34.01). Ele tão peremptoriamente enfatizava tal vinculação ao ponto de seus adversários chamarem-no “descendente de

Vênus” – *venere prognatus* – sem mencionar seu nome (Marco Célio Rufo in CÍCERO. **Cartas aos Amigos** VIII. 15.02 *apud* WEINSTOCK, 1971, p. 83); Além disso, ele é recordado por Estrabão concedendo uma série de privilégios sobre Ílion na Ásia Menor, assegurando à cidade estatuto extra-territorial e imunidade de taxaço (ESTRABÃO. XIII. 13.01.27 *apud* ERSKINE, 2001, p. 246-247). Segundo Andrew Erskine em seu livro **Troy between Greece and Rome. Local tradition and Imperial Power**, as fontes não são claras a respeito dessas concessões, e pode ser que César apenas estivesse confirmando privilégios precedentes sob o pretexto de seu alegado vínculo de parentesco com a cidade (ERSKINE, 2001, p. 246-247).

Considerando as feições do Eneias entalhado no denário de 47 a.C. – se não estivermos superinterpretando essa moeda –, supostamente César procurou comemorar o ancestral em vista da vitória militar e da predileção divina sobre a própria estirpe. Muito embora o herói não esteja envergando uma couraça, é caracterizado em vigor físico e disposição bélica – bem diferente das feições que Otávio imprime em seu Eneias no *aureus* cunhado em 42 a.C. (RRC, 494/3a. Fig. 07). Segundo Karl Galinsky no livro **Aeneas, Sicily and Rome**, César ao escolher representar o herói em nudez heroica, remete à excelência guerreira que o caracteriza nos poemas homéricos, sendo este motivo cesariano posteriormente retomado em um denário de imperador Trajano durante sua campanha de expansão (GALINSKY, 1969, p. 04-05; BMC Emp. 3. 141). Além do mais, Ascânio/Iúlo não é representado sob a guia do pai – como acontece na maior parte das representações augustanas –; ao invés disso, o herói traz o *Paladium* na mão esquerda, símbolo marcial da sobrevivência de Troia.

Figura 07



A discussão sobre o tópico é extensa e nem atreveríamos propor uma resposta para o problema. Acreditamos, porém, que, mais que um jogo com

regras fixas, cumpre analisar os usos contextuais e reformulações dessa herança genealógica pelos atores históricos. No esforço de mapear a incorporação de Eneias na genealogia dos *Iulii*, percebemos a adequação de uma abordagem pontual historicizante desse objeto. Para além dos feitos de Eneias, a célebre epopeia de Virgílio condensa a memória de várias *gentes* romanas responsáveis pelo engrandecimento da *urbs*, exalta também a bravura dos povos itálicos e suas tradições. Assim, mais relevante do que a busca incessante pelas origens, este texto buscou avaliar, quando possível, as motivações que exigiram reformulações na genealogia heroico-divino e seus diferentes usos pelos atores históricos.

Lista de Figuras

Fig. 01. Moeda de prata. Denário de Sexto Júlio César. RRC 258. © Trustees of the British Museum

Fig. 02. Moeda de prata. Denário de Lúcio Júlio César. RRC 320. © Trustees of the British Museum

Fig. 03. Moeda de prata. Denário de Lúcio Memmio Gal e Caio Memmio Gal. RRC 349. © Trustees of the British Museum

Fig. 04. Moeda de prata. Denário Serrado Caio Mamílio Limetano. RRC 362/1. © Trustees of the British Museum

Fig. 05. Moeda de prata. Denário de Caio Antio Restio. RRC 455. © Trustees of the British Museum

Fig. 06. Moeda de prata. Denário de Caio Júlio César. RRC 458. © Trustees of the British Museum

Fig. 07. Moeda de ouro. Áureo de Caio Júlio César Otaviano. RRC, 494/3a. © Trustees of the British Museum

Documentação escrita

APPIAN. **Roman History**. Trad. Horace White. Harvard: University Press, 2013.
CATO. Origines. In: CORNELL, T.J. (g.e.); BISPHAM, E.H.; RICH, J.W.; SMITH, C.J. (Eds.) [et al.] **The fragments of the Roman historians**. Oxford University Press, 2013.

APOLLODORUS. **The Library**. (The Loeb Classical Library). Trad. Sir James George Frazer. London: William Heineman, 1921.

DIO CASSIUS. **Dio's Roman History**. (The Loeb Classical Library). Trad. Earnest Cary. Harvard: University Press, 1924.

DIONYSIUS OF HALICARNASSUS. **The Roman Antiquities**. (The Loeb Classical Library). Trad. Earnest Carry. London: William Heinemann, 1960.

ENNIUS. **Annals**. (The Loeb Classical Library – v. 1). Trad. Ed. E.H. Warmington. Harvard: University Press, 2006.

NAEVIUS. **The Punic War**. (The Loeb Classical Library – v. 2). Trad. Ed. E.H. Warmington. Harvard: University Press, 2006.

OVIDIO. **I Fasti**. Trad. Luca Canali. Milano: Bur Rizzoli, 2011.

OVID. **Metamorphoses**. Trad. Hugo Magnus. Boston: Brookes More & Cornhill Publishing, 1922.

PLUTARCH. The Life of Antony. In: PLUTARCH. **The Parallel Lives**. (The Loeb Classical Library). Trad. Bernadotte Perrin. London: William Heinemann, 1919.

PLUTARCO. **Antonio**. Trad. Rita Scuderi. Milano: Bur Rizzoli, 1999.

SERVIUSHONORATUS, MAURUS. **In Vergilii carmina comentarii**. Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii; recensuerunt Georgius Thilo et Hermannus Hagen. Georgius Thilo. Leipzig: B. G. Teubner. 1881.

TITUS LIVIUS. **History of Rome**. Trad. Canon Roberts. London: Everyman's Library Classical, 1905.

TITO LÍVIO. **Historia Romana**. Primera Década. Trad. Francisco Montes de Oca. Ciudad de México: Editorial Porrúa, 2006.

_____. **Storia di Roma**. Dalla sua Fondazione. Volume Primo (Libri I-II). Trad. Mario Scàndola. Milano: Bur Rizzoli, 2010.

_____. **Storia di Roma**. Dalla sua Fondazione. Volume Terzo (Libri V-VII). Trad. Claudio Moreschini. Milano: Fabbri Editori, 2004.

VIRGIL. **Aeneid**. (The Loeb Classical Library). Trad. Rushton Fairclough. London: William Heineman, 1916.

VIRGILIO. **Bucólicas**. Trad. Pablo Ingberg. Buenos Aires: Losada, 2004.

_____. **Eneida**. Trad. Eugenio de Ochoa. Buenos Aires: Losada, 2004.

_____. **Eneida**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Brasília: Ed. UnB, 1983.

_____. **Eneida**. (Livros IX – XII). Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Eneida**. Trad. Odorico Mendes. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

_____. **Eneide**. Trad. Vittorio Sermonetti. Milano: Bur Rizzoli, 2007.

VERGILIUS. **Opera**. V. II. Aeneis. Ed. Remigius Sabbadini. Roma: Typis Regiae Officinae Polygraphicae, 1930.

Catálogos de moedas

CRAWFORD, M. **Roman Republican Coinage**. Cambridge: University Press, 1971.

GRUEBER, H.A. **Coins of the Roman Republic in the British Museum**. London: British Museum, 1970.

SUTHERLAND, C.H.V. **The Roman Imperial Coinage** – v. 1. (The Loeb Classical Library). London: Spink and Son Limited, 1984.

Dicionários e edições comentadas

HORSFALL, Nicholas. **Virgil Aeneid 7: a commentary**. Leiden: Brill, 2000.

_____. **Virgil Aeneid 2: a commentary**. Leiden: Brill, 2008.

Oxford Latin Dictionary. Oxford: University Press, 1968.

SMITH, William (ed.). **A Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology**. London: J. Murray, 1850.

Referências bibliográficas

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CORNELL, T. J. Commentaries on Cato's Origines. In: CORNELL, T.J. (g.e.); BISPHAM, E.H.; RICH, J.W.; SMITH, C.J. (Eds.) [et al.] **The fragments of the Roman historians**. Volume III. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 61-79.

BADIAN, E. From the Iulii to Caesar. In: GRIFFIN, M. **A Companion to Julius Caesar**. Oxford: Blackwell, 2009, p.11-22.

ERSKINE, A. **Troy between Greece and Rome**. Local tradition and Imperial Power. Oxford: University Press, 2001.

FARNEY, G.D. **Ethnic Identity and Aristocratic Competition in Republican Rome**. Cambridge: University Press, 2007.

FLOWER, H.I. **Ancestor Masks and Aristocratic Power in Roman Culture**. Oxford: University Press, 2001.

GALINSKY, K.G. **Aeneas, Sicily and Rome**. Princeton: University Press, 1969.

SMITH, C.J. Caesar and the history of the Early Rome. In: URSO, G. (Cur.)

Cesare: precursor ou visionário? : Atti del convegno internazionale, Cividale del Friuli, 17-19 settembre 2009. Pisa: s/e, 2010.

_____. **The Roman Clan: the Gens from Ancient Ideology to Modern Anthropology.** Cambridge: University Press, 2006.

Notas

¹ Uma das condições de se pertencer à *nobilitas* é estar constantemente sob os olhos e apreciação do público. Segundo Geoffrey Sumi, que estuda a afinidade entre performance e poder na cultura política romana, cerimônias como casamentos, festas, jogos e funerais tornam-se momentos privilegiados para ostentação da *uirtus* assim como uma oportunidade para revelar a capacidade de governar (2008, p. 2).

² No período republicano as moedas foram fabricadas tanto pelo método de fusão quanto de cunhagem, este último conhecido pelos gregos desde o século VII a.C. Utilizado na confecção do *aes rudes*, *aessignatum* e da primeira moeda propriamente dita, denominada *aes graves*, o processo de fusão caracterizava-se pela introdução do bronze líquido em canaletas de terracota ou argila, conectadas a uma forma refratária do mesmo material. De acordo com Frederico Barelloni livro **Archeologia della moneta. Produzione e utilizzo nell'antichità**, a técnica trazia uma série de inconvenientes, entre eles a difícil regularidade dos pesos, a realização de uma impressão ruim, porosa e menos nítida, e a fácil ação dos falsários (BARELLO, 2014, p. 94-98). De datação incerta e introduzida em Roma a partir do contato com as cidades da Campânia, a cunhagem atende à demanda de regularidade e presteza na produção das peças. Com a ajuda de uma pinça, inseria-se o pequeno disco de metal aquecido (cobre, prata ou ouro), denominado flan, entre duas cunhas, com seus respectivos entalhes em baixo-relevo. Em geral, o procedimento requeria um esforço conjunto, pois enquanto um operário ajustava o flan sobre a cunha da bigorna, o outro golpeava a cunha superior com um martelo. O anverso resultava da impressão da cunha da bigorna, enquanto o reverso correspondia ao lado do martelo. Como regra, a cunha da bigorna, fixa e mais resistente, era utilizada para gerar a impressão menos variável da moeda (em época imperial, é o lado em que se gravava a efígie do imperador), enquanto o cone do martelo era destinado ao tipo mais transitório. Segundo Adriano Savio no livro **Monete Romane**, é difícil precisar com segurança o material empregado na confecção dessas cunhas que, por regra, eram destruídas ao fim das emissões, com o fito de evitar cunhagens não autorizadas (SAVIO, 2001, p. 63-64). Muito provavelmente, as poucas peças que nos chegaram eram instrumentos de falsários. O desenvolvimento da técnica pelos romanos resultou em um gradativo rebuscamento da impressão tanto do desenho quanto da legenda.

³ Sobre os desafios metodológicos trazidos pelos fragmentos e obras atribuídas a César ou Lúcio César, citado (os) com frequência nas **Origo Gentis Romanae**, conferir Jacques Perret no livro **Les Origines de La Legend Troyenne** e Christopher J. Smith em **Caesar and the History of Early Rome**. Enquanto Macróbio, nas **Saturnálias**, atribui a um Iulius Caesar um trabalho sobre auspícios, as **Origo Gentis Romanae** referem-se a outro trabalho, um **Libri Pontificalium**, escrito por César (MACRÓBIO. **Saturnália** I,16,29; **Origo Gentis Romanae** IX,6). De acordo com Smith, não podemos provar que os fragmentos não se refiram também a autores diferentes, um com interesse em História Romana a partir do registro dos pontífices, e outro especializado em assuntos augurais (SMITH, 2010, p. 260-264).

⁴ [VEDIOVEI PATREI GENTILES IVLIEI

VEDI[OVEI] AARA

LEEGE ALBANA DICATA]

[Dos *gentiles* (componentes) dos Iulii ao Pai Vediovis

Um altar à Vediovis prescrito pela Lei Albana]

⁵ A maioria dos denários cunhados no período republicano traz o nome do moedeiro responsável, algumas vezes acompanhado da legenda IIIIVIR ou IIIIVIR (quando o número foi aumentado para quatro com César), posto que os moedeiros constituíam um colégio menor de magistrados reconhecidos como *triumviri* ou *tres uiri monetales*. Outra abreviação comum nas moedas era a de IIIIVIR AAAFF “*triumviri aere auro argento flando feriundo*” que se traduz por “três homens responsáveis pela fundição e cunhagem do bronze, ouro e prata”. Por sua vez, não se sabe ao certo se o cargo era eleito ou uma indicação do cônsul em exercício e os *triumviri monetales* respondiam à autoridade do Questor que estabeleciam a quantidade de metal a ser cunhado. Na opinião de Harriet Flower no livro **Ancestor Masks and Aristocratic Power in Roman Culture**, o cargo oferecia um incentivo aos jovens sôfregos de iniciarem a carreira das magistraturas (FLOWER, 2001, p. 80). Essa autora propõe uma relação interessante entre a *Lex Gabinia*, que introduziu a cédula de votação secreta, e o recrudescimento da divulgação dos ancestrais nas moedas republicanas. Na opinião de Flower, uma vez que os meios de manipulação eleitoral são moderados, as moedas se tornam um poderoso veículo de divulgação das famílias em disputa (FLOWER, 2001, p. 80).

⁶ Estátua de madeira associada a Atena, de grande antiguidade e que, de acordo com o Ciclo Épico, Diomedes e Odisseu subtraem da cidadela de Ílion. Segundo uma versão tardia, registrada por Dionísio de Halicarnasso, o *Paladium* juntamente com outras estátuas foram posteriormente recuperados por Eneias, enquanto a parte baixa de Troia estava sendo saqueada e devidamente transportada com ele para a Itália (DIONÍSIO DE HALICARNASSO. **Antiguidades Romanas** I.69). Na **Eneida**, o roubo do *Paladium* é acompanhado de portentos sinistros e clara desaprovação divina (VIRGÍLIO. **Eneida** II, vv. 154-194).